

## ***Deus precisa dos homens***

Em 28 de agosto de 1985, Dom Giussani falou no Meeting. Aqui está a fala dele, redigida a partir da transcrição da gravação de áudio (conservada no Arquivo da Fraternidade de CL). O texto foi revisado por Julián Carrón

[*Aplausos*] Obrigado, chega. Mas talvez façam bem em bater palmas, porque acredito no que digo.

### **I.**

“**O maior perigo que a humanidade pode temer** – disse Teilhard de Chardin – não é uma catástrofe que venha de fora, não é nem a fome nem a peste; é antes aquela doença espiritual, a mais terrível porque o mais diretamente humano dos flagelos, que é a perda do gosto de viver.”<sup>1</sup> Quando li essa frase de Teilhard de Chardin, veio-me imediatamente ao coração e à memória como deve ter nascido o interesse por Cristo, como deve ter nascido historicamente mesmo. Porque, como às vezes refletimos e meditamos com alguns de vocês, as pessoas podiam ir ouvi-Lo dizendo a si mesmas: “O que esse aí está dizendo? Fala da Trindade, de Deus Pai, fala do inferno, fala da alma, da responsabilidade do homem...” Mas também podiam fazer-se outra pergunta: “Por que é que esse aí diz essas coisas?” Dentro do coração das pessoas essa pergunta encontrava uma resposta sem que elas estivessem cientes disso. Imediatamente, se alguém tivesse formulado essa pergunta, receberia a seguinte resposta: “Porque ele ama o homem, porque tem paixão pelo homem!”

“Pegou uma criança, apertou-a contra o peito e disse: ‘Ai de quem arranca um único fio de cabelo da menor das crianças’”;<sup>2</sup> e não estava falando de arrancar um fio de cabelo físico, pois todos ali tinham algum autocontrole, mas falava de fazer mal à criança em termos morais – onde ninguém demonstra atenção ou precaução –, do respeito absoluto por esse serzinho que com um tapa se jogaria fora. Ou então: afasta-se no caminho, um funeral passa, uma mulher acompanha o cortejo soluçando atrás, e Ele pergunta: “O que houve?” “É uma mulher viúva, seu único filho morreu”. Ele dá um passo à frente e diz: “Mulher, não chores!”<sup>3</sup> Ou quando diz: “Que adianta a ti ganhares o que quiseres, mas perderes a ti mesmo? Que dará o homem em troca de si?”<sup>4</sup> Assim apareceu no mundo o sentido – respeito, veneração, apego, amor, confiança, responsabilidade – da pessoa.

A pessoa. O amor ao homem. Sem isto não dá para entender o cristianismo. Mas talvez nós mesmos também não compreendamos o cristianismo – vivendo-o, embora vivendo-o, embora tentando vivê-lo –, porque não participamos dessa sua origem. O cristianismo não nasceu para fundar uma religião, nasceu como paixão pelo homem. Então se entende: se Cristo falava do Pai, se falava da criança, se voltava o olhar com um cuidado particular para o doente, o pobre, era porque pobres, crianças e doentes eram, entre toda a gente, os menos defendidos, os que menos poderiam impor-se a si mesmos; mas por isso mesmo Ele ressaltava sua presença, porque o valor deles não dependia da capacidade deles de poder ou de servirem ao poder.

Uma paixão pelo homem: o homem, o filho de sua mãe, filho de uma mulher, o homem concreto, como sempre insiste João Paulo II, às vezes chamando a atenção explicitamente para tal concretude com termos inesquecíveis; não o homem à Feuerbach ou à Marx, mas o homem – eu, você –, insisto, filho de sua mãe e de seu pai; o amor ao homem, a veneração pelo homem, a ternura pelo homem, a paixão pelo homem, a estima absoluta pelo homem.

A frase de Teilhard de Chardin me lembrou uma frase do Evangelho: “Eu vos disse todas as coisas que vos disse, para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja plena”.<sup>5</sup> Alegria. É a única – perdoem-me, mas não é um exagero, e eu estaria disponível a qualquer objeção –, a voz cristã é a única que pode usar a palavra “alegria” sem ser obrigada a esquecer ou a renegar algo.

## II.

**O homem é grande** porque é relação com o Infinito. Jesus o diz em termos bíblicos: “Seus anjos [os anjos das crianças] contemplam a face do meu Pai”.<sup>6</sup> O homem é grande porque é relação com o Infinito. Mas semelhante relação também pode ser definida com este paradoxo: Deus precisa dos homens. Deus! Quem é que não tem medo, independentemente da imagem que tenha disso, quem é que não tem medo de usar essa palavra? Eu tenho muito, e de fato raramente uso esta palavra: Deus, este “mistério insondável”, como disse Einstein três dias antes de morrer ao grande matemático Francesco Severi, “este mistério insondável que está por trás de toda e qualquer pesquisa”;<sup>7</sup> esta “sombra que não pode separar-se de nós”, como disse Whitehead, esta implicação última da razão, da razão entendida como consciência da realidade segundo a totalidade de seus fatores. “Toda a lei da existência humana consiste apenas em que o homem sempre pôde inclinar-se diante do infinitamente grande”,<sup>8</sup> disse Dostoiévski.

No entanto, por isso mesmo, como quer que seja concebido – e será uma fórmula que espero lembrar-me de usar bastante –, esse “infinitamente grande” está ligado à nossa existência. Com um termo dramático, a Bíblia fala de “aliança”, um contrato substancial, essencial ou existencial: é a aliança da criação. Esse infinitamente grande está ligado à nossa existência por aquele maravilhamento que assegura a emoção da novidade sem a qual a vida seria tédio mortal – de modo que Deus se nos impõe como atração intensa, a atração intensa do real, do ser –, por aquele arrepio da razão pelo qual Deus aparece como a consistência que nos mantém acima do abismo do nada, por aquela dependência inevitável dos acontecimentos pelos quais Deus nos determina como Destino.

Desta forma, se está ligado a nós, *pode-se* falar dele? *Deve-se* falar dele, no sentido de que é impossível não falar, como quer que seja concebido. Há um único modo de não falar: não pensar. “Encerrado entre as coisas mortais / (Até o céu estralado há de acabar) / Por que anseio por Deus?”<sup>9</sup> E o questionamento apaixonado de Ungaretti é assim explicitado por Rainer Maria Rilke – perdoem-me se o cito –: “Apaga-me os olhos: e ainda posso ver-te, / tranca-me os ouvidos: e ainda posso ouvir-te, / e sem pés posso ainda ir para ti, / e sem boca posso ainda invocar-te. // Quebra-me os braços: e posso apertar-te / com o coração como com a mão, / tapa-me o coração: e o cérebro baterá / e se me deitares fogo ao cérebro / hei de continuar a trazer-te no sangue”.<sup>10</sup>

Por isso, devido a essa implicação “fisiológica”, com temor e tremor, repito: Deus precisa dos homens. Foi assim que Ele se revelou a nós.

O título do maravilhoso e esquecido filme de Delannoy<sup>11</sup> é um paradoxo – é claro –, mas é verdade: Deus se fez necessitado do homem pela forma como agiu. Nós não podemos deixar de nos expressar com estas fórmulas. Precisar sem que tivesse precisado é amor, o amor em sua pureza; para todos é nostalgia, tanto quanto normalmente não é experiência: é a gratuidade, a gratuidade pura. Bem, Deus precisa do homem, fez-se necessitado do homem porque o criou livre e, em segundo lugar, porque se fez homem, se fez história.

Deus se fez necessitado do homem porque criou o homem livre, participou ao homem essa Sua suprema capacidade de posse de si, participou-a. Perdoem-me ainda se leio um trecho. É do *Mistério dos santos inocentes* de Péguy: “Perguntai a um pai se o melhor momento / Não é quando os filhos começam a amá-lo como homens, / A ele mesmo como um homem, / Livrentemente, / Gratuitamente, / Perguntai a um pai cujos filhos estão crescendo. // Perguntai a um pai se não há uma hora secreta, / Um momento secreto, / E se porventura não é / Quando seus filhos começam a tornar-se homens, / Livres / E a ele mesmo tratam como a um homem, / Livre, / Amam-no como a um homem, / Livre, / Perguntai a esse pai cujos filhos estão crescendo. // Perguntai a esse pai se não há uma eleição entre todas / E se porventura não é / Precisamente quando cessa a submissão e quando seus filhos feitos homens / O amam, (o tratam), por assim dizer como conhecedores, / De homem para homem, / Livrentemente. / Gratuitamente. Estimam-no assim. / Perguntai a esse pai se não sabe que nada equivale a / Um olhar de homem que se cruza com um olhar de homem. // Ora, eu sou o pai deles, diz Deus, e conheço a condição do homem. / Fui eu quem a fez. / Não lhes peço muito. Não peço mais do que o seu coração. / Quando tenho o coração, acho bom. Não sou difícil. //

Todas as submissões de escravos do mundo não valem um belo olhar de homem livre. / Ou melhor, todas as submissões de escravos do mundo repugnam-me, e eu daria tudo / Por um belo olhar de homem livre, / Por uma bela obediência e ternura e devoção de homem livre, / Por um olhar de São Luís, / E também por um olhar de Joinville, / Porque Joinville é menos santo, mas não é menos livre, // (E não é menos cristão.) // E não é menos gratuito. // E meu filho morreu também por Joinville. / Por essa liberdade, por essa gratuidade, sacrifiquei tudo, diz Deus, / Por esse prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livrentemente, / Gratuitamente, / Por verdadeiros homens, viris, adultos, firmes. / Nobres, ternos, mas de uma ternura firme. / Para obter essa liberdade, essa gratuidade, sacrifiquei tudo, / Para criar essa liberdade, essa gratuidade, / Para pôr em jogo essa liberdade, essa gratuidade. // Para ensinar-lhes a liberdade”.<sup>12</sup>

### III.

**Mas esta capacidade** enérgica de aderir ao ser, na qual reside a liberdade, tem em si um “mecanismo” tremendo, tremendo como um mistério; aliás, Péguy diz: “mistério dos mistérios”. A liberdade se realiza como escolha – como opção, diria Althusser em seu terrível juízo: a diferença entre crer na existência de Deus e o marxismo não está numa razão, é pura opção –. Escolha de quê? Aceitar ou não aceitar o Ser. Como eu gostaria de dialogar de maneira mais imediata, se estivesse falando apenas com jovens, porque esta é uma escolha de todas as manhãs. Nós, toda manhã, acordamos e nos pomos diante da realidade com o olhar escancarado, aberto, ingênuo de uma criança, pronto para dizer pão ao pão, vinho ao vinho: “Seja o vosso dizer sim ou não; qualquer outra palavra vem da mentira”,<sup>13</sup> ou então nos levantamos com um escudo, cautelosos, em guarda, para nos defender da realidade. Aceitar ou não aceitar o Ser, a própria mãe ou Deus é o mesmo, a posição é idêntica: aceitar ou não aceitar a flor ou a eternidade é o mesmo, a posição é idêntica. Podemos até ir contra a evidência, naturalmente levantando pretextos. E assim, se levantamos pretextos, então não é só negação, mas é mentira. As razões, os pretextos fundamentais são, a meu ver, a dor, em todos os sentidos, inclusive a dor do sentir-se fraquejar, e a pretensão de afirmação, a vontade de afirmação do homem; não – atenção! – de si, não do próprio eu, mas do homem, insisto, ao estilo de Feuerbach.

Talvez o exemplo mais impressionante da primeira razão, a dor do homem, seja um famoso poema de Montale que me permito recitar: “Talvez uma manhã andando num ar de vidro, / árido, voltando-me, verei cumprir-se o milagre: / o nada às minhas costas, o vazio atrás / de mim, com um terror de embriagado. / Depois, como em painel, assentarão de um lanço / árvores casas colinas para o habitual engano. / Mas será tarde demais; e eu irei quedo / entre os homens que não se voltam, com meu segredo”.<sup>14</sup> Quando li esse poema de Montale, repentinamente, imediatamente, julguei ter compreendido. Porque esta é a posição em que se acende a intuição e a experiência mística: este nada das coisas, esta percepção imediata do nada das coisas, da inconsistência de tudo, do efêmero – eu disse antes –, é também o início da experiência do Ser de que tudo consiste e que a tudo sustenta. *Rerum Deus, tenax vigor*, “Ó Deus, tenaz consistência de todas as coisas”.<sup>15</sup> Isto, porém, na mesma experiência, torna-se niilismo: é pura opção. Com justeza Péguy fala do “mistério dos mistérios”: a liberdade. Sem dúvida, de um ponto de vista abstrato, Montale não explica uma coisa (o erro sempre é obrigado a esquecer ou renegar alguma coisa): porque as coisas *são*, efêmeras – “ilusórias” já é uma avaliação –, mas *são*.

Agora, um exemplo incrível da afirmação de si – mas, na afirmação de si, é a afirmação da liberdade humana – é um famoso trecho de Nietzsche da *Gaia ciência*: “Certo dia o viandante fechou a porta às suas costas e chorou. Depois disse: ‘Esse desejo ardente do autêntico, do real, do não aparente, do seguro! Como o odeio’”.<sup>16</sup> E não vou mais além.

Toda a impotência do mistério do real, se o homem não o reconhece, é como nada. “O vazio atrás / de mim.” É como um nada, não porque não exista, mas porque não é reconhecido. E neste sentido, Tischner, comentando as poesias do papa Wojtyła, diz que para o papa Wojtyła o homem permite que Deus seja Deus.

Deus, para ser reconhecido como Deus, deve de certa forma esperar por essa escolha. Mas a negação não pode deixar de corresponder, a meu ver, a uma atitude última de ira, uma ira sutil ou gritante, a uma afirmação irada, surda ou patente. Mas nessa ira a tônica não está na afirmação de si – volto a insistir –, da própria humanidade pessoal; a tônica recai na recusa de algo que é dado, na recusa do ato de Outro. E por isso é uma recusa da própria condição humana porque é dada, uma recusa da própria natureza enquanto dada, a recusa de uma gratuidade original. A tônica não está – insisto – na vontade de afirmação de si; estranhamente, não me parece estar principalmente no orgulho; a tônica não recai na vontade de afirmação de si: o homem na concretude de sua pessoa, o homem como tal, acaba dissolvendo-se. “Quem já não crê em Deus”, disse Claudel em suas *Grandes odes*, “já não crê no ser, e quem odeia o ser odeia sua própria existência”.<sup>17</sup>

Como gostei de ler em *Um homem*, de Oriana Fallaci, esta observação: “A descoberta amarga de que Deus não existe matou a palavra destino. Mas negar o destino é arrogância, afirmar que nós somos os únicos artífices da nossa existência é loucura”.<sup>18</sup> Loucura! É a loucura com que Sartre disse: “Minhas mãos, que são minhas mãos? A inapreciável distância que me revela as coisas e delas me separa para sempre”.<sup>19</sup> Quanto mais você aperta e agarra, mais percebe, fica condenado a perceber e experimentar uma distância: nenhum nexo é possível. É o eu que se dissolve, o eu centro de relação e de abraços, de afirmações e de colaboração. Por isso a dissolução chega até o ponto em que Moravia, em *O tédio*, fala da absurdidade de uma realidade “insuficiente, ou seja, incapaz de me persuadir de sua própria e efetiva existência”.<sup>20</sup>

Que morte terrível a da “razão medida de todas as coisas”, que não aceitou ser consciência admirada e pasma de uma realidade não sua, que se torna sua na medida de sua obediência, de seu olhar ansioso, desejoso, escancarado numa aceitação contínua! Há uma alternativa à negação de Deus, há uma alternativa à recusa de uma responsabilidade ante o pedido, ante a necessidade expressa que Deus tem de nós: dentro do mistério da liberdade, a alternativa ao esquecimento e à negação de Deus (eu li no breviário ontem de manhã), diz o profeta Jeremias, é “prostrar-se diante das obras de nossas mãos”,<sup>21</sup> prostrar-se diante de algo que nós criamos. Porém, na sociedade atual, devido à sua forte organicidade e ao forte mecanismo em que tudo é articulado e organizado, é inevitável que esse prostrar-se diante da obra das nossas mãos vire prostrar-se diante do poder: quanto menos estamos conscientes disso, mais estamos sujeitos a ele. “Conseguiu-se fazer com que o homem entenda / que, se vive, é graças aos poderosos. / Pense, então, em tomar café e caçar borboletas. / Quem ama a *res publica* terá a mão amputada”.<sup>22</sup>

O mal, que a filosofia e a literatura definem e descrevem, reflete-se em nós, nas mil e uma ações de todos os dias: no todo ou em parte, elas são arrancadas ao desígnio do Mistério, à ordem última, pela ansiedade de não perder uma satisfação ou pela recusa de uma gratuidade. Essa negatividade, essa incapacidade de perfeição é o acontecimento existencial mais trágico para o homem consciente de si. Eu sempre recorro aos meus amigos jovens a expressão literariamente mais trágica dessa consciência, o final do *Brand* de Ibsen, quando aquele que por toda a vida buscou o momento perfeito, o ato inteiramente humano, de pé junto à sua cabana, enquanto o trovão da avalanche já estava soando – a avalanche o arrastaria em poucos segundos –, grita: “Responde-me, ó Deus, na hora em que a morte me engole: pode toda a vontade de um homem obter um único ato perfeito?”,<sup>23</sup> isto é, um único ato humano. Por isso lembro com emoção, e também com paradoxal gratidão, quando uma pessoa que estimo profundamente disse – estávamos discutindo sobre o pecado –: “Será que o pecado sou eu?”

#### IV.

**Desta forma, a afirmação** parece inverter-se: é o homem, então, que precisa de Deus para ser homem? Como resposta, Deus se faz homem, envolve-se. É claro que quem tem um senso muito dramático da vida está muito perto do cristianismo, e para este é muito fácil entender isso. Como resposta, Deus se faz homem, envolve-se com o homem como um companheiro real de caminho, totalmente familiar, acende um diálogo imediato, sem espaços interpretativos longos, solitários e

ambíguos. Assim Deus se faz necessitado do homem justamente enquanto homem. Como homem, Deus se fez necessitado do homem.

É neste ponto que a opção se dá de modo mais drástico e se torna drama histórico e tragédia do pensamento, no desenvolvimento do pensamento. Em nome da autonomia da verdade humana, ou seja, em nome da sua forma de conceber o último – pois é inevitável a implicação do último no dinamismo da razão –, em nome da autonomia da verdade humana, isto é, em nome da sua forma de conceber o último, aquilo que nós chamamos de “Deus”, o homem rejeita com violência, até à náusea, essa presença amorosa, essa presença amorosa que precisa do homem, mas lhe pede que a ame com toda a mente, com todo o coração, com todas as forças, como diz o Evangelho.

Assim, da “honestidade” dos fariseus, passando pela recusa do jovem rico até o escândalo de Judas, a abolição de Cristo da memória que decide e conduz a vida, individual e associativa, torna-se pecado social. É uma obviedade da cultura dominante: Cristo é um grande homem – grande nisto, grande naquilo –; pode-se dizer tudo, exceto que Cristo é o Cristo. Esta abolição de Cristo da memória torna-se um pecado social e torna-se renúncia à categoria suprema da razão, a categoria da possibilidade: é absurdo, é inconcebível, é impossível Cristo ser o Cristo. No livro *Fim de caso*, de Graham Greene, lembro-me quando o protagonista, “livre pensador”, vai uma noite à casa do amigo cuja mulher morrera e lá encontra o confessor de sua esposa, um irmãozinho mirrado, pequeno, frágil, que ele tenta aterrorizar com uma enxurrada de investidas contra a imagem religiosa cristã da vida e do homem. E esse pobre fradezinho – parecia que ia desaparecer debaixo daquela tempestade de ataques –, aproveitando um respiro que o artista livre pensador deu num determinado momento, exclama timidamente: “Mas neste ponto me parece que sou mais livre pensador que o senhor! Porque me parece um pensamento mais livre admitir todas as possibilidades antes de excluir de antemão algumas delas”.<sup>24</sup> Aliás, é próprio da abolição de Cristo, da abolição da memória de Cristo como Deus-homem, que se torna possível a lucidez histórica com que boa parte da cultura moderna – graças a Deus, não toda – renega a Deus. Mas Nietzsche dizia: se removermos Cristo, temos de remover a Deus.

Mas Cristo é um compromisso do Mistério, irreversível; é um compromisso do Mistério com o tempo humano; a Bíblia chama isso de “Aliança Eterna”.<sup>25</sup> Deus é fiel a si mesmo, Cristo é o revelar-se da natureza do Mistério em relação ao homem. O que é o Mistério em relação ao homem? Misericórdia. A gratuidade inicial e original, pela qual o homem é, revela-se completamente em seu coração, em sua profundidade afetiva: é misericórdia. A resposta negativa do homem não “resolve” a grande questão do amor.

Assim, ao lado do homem, Cristo envolve-se na totalidade da existência mesma do homem, Cristo envolve-se na totalidade da minha existência mesma, do homem. Que espanto me invade quando penso que, para o cristianismo, a salvação, quer dizer, o sentido positivo do mundo está ligado a um ponto infinitesimal que é o “sim” de uma menina de 15, 16 ou 17 anos no máximo, que vivia numa aldeia perdida da Palestina! Para mim seria suficiente uma coisa desse tipo para entender que é divino! E quando penso, pelo outro lado, que um homem foi beijado aquela noite e exclamou: “Amigo, para que vieste? Judas, com um beijo trais o Filho do Homem?”!<sup>26</sup> Cristo se envolveu com a existencialidade humana, portanto com o jogo da sua liberdade, segundo os movimentos normais e cotidianos dela. Envolvido na totalidade da existência humana, como homem, Cristo se faz necessitado das coisas tangíveis e visíveis que o homem usa: a água no Batismo, o óleo no Crisma, o pão e o vinho na Eucaristia, a palavra na Confissão; o gesto, em todo lugar.

## V.

**Mas a realidade histórica de que Cristo precisa** para cumprir sua presença no caminho do homem até o destino, a realidade histórica total de que Cristo tem total necessidade é a unidade entre todos aqueles que o Pai lhe deu, diz o 17º capítulo de São João. O princípio da unidade total da humanidade é a unidade entre todos aqueles que o Pai lhe deu, é a comunidade eclesial, este “ambiente da existência remida do homem”, como nos disse João Paulo II no dia 29 de setembro de

1984. A comunidade eclesial é “o ambiente da existência remida do homem”. Rapidamente menciono o que vou destacar mais tarde: é o ambiente da existência remida, portanto não perfeita – o conceito de perfeição é outro! –, do homem. Um “ambiente fascinante [parece humorado ou irônico, e não é: ambiente fascinante] onde cada homem encontra a resposta à pergunta de significado para a sua vida: Cristo, centro do cosmos e da história”.<sup>27</sup> Pois não há nenhum fascínio na vida maior do que a explosão clara do significado. O fascínio é a atração da verdade; *pulchrum splendor veri*, disse Santo Tomás.<sup>28</sup> O fascínio é a atração da verdade. Assim, em certo sentido, o início cristão não é o início de uma religião nem tampouco de uma ética, mas de uma estética, em certo sentido verdadeiro, pois a ética virá como consequência e será um amor, consequência de um amor despertado, e o amor é despertado pela beleza que é a atratividade própria da verdade.

A comunidade eclesial é a realidade onde todos os temperamentos, todas as histórias, todos os movimentos e associações brotam da única pergunta por aquele significado e, ao mesmo tempo, sem nenhuma possibilidade de domínio, completando-se e ajudando-se mutuamente como grande e apaixonada companhia, correm para a única foz: o testemunho ao mundo humano inteiro de Cristo morto e ressuscitado.

Esta comunidade eclesial é um povo ou, como disse Paulo VI (23 de julho de 1975), “uma entidade étnica *sui generis*”,<sup>29</sup> mas é um povo de homens: Deus não precisa de “santos”, precisa dos homens. Assim, então, Eliot descreve o caminho desse povo no VII Coro de *A Rocha*: desse momento em diante, “pareceu então que os homens deveriam seguir de luz a luz, na luz do Verbo, / Através da Paixão e Sacrifício, salvos apesar de seu mal; / Bestiais como sempre, carnis, egoístas, interesseiros e obtusos como desde sempre o foram, / Porém sempre em luta, sempre reafirmando, sempre retomando sua marcha sobre o caminho iluminado pela luz; / Frequentemente parando, perdendo tempo, desviando-se, atrasando-se, retornando, porém nunca seguindo outro caminho”.<sup>30</sup> É isso o que Cristo introduziu na nossa vida ao fazer-se nosso companheiro: a vida humana, a dignidade da vida humana, a dignidade da liberdade como tensão para o Infinito. Se o homem é relação com o Infinito, a única dinâmica digna é a tensão para ele. Como uma criança que, tendo nascido, precisa aprender a andar, e mil vezes cai e mil vezes retoma, mas tudo nela é tensão para o caminho e para a vida.

Eliot prossegue: “Mas parece que algo aconteceu que antes jamais acontecera, embora não saibamos com certeza quando, ou por quê, ou como, ou onde. / Os homens não renunciaram a Deus por outros deuses, dizem eles, mas por deus nenhum; e isto jamais acontecera antes / De que os homens renegassem tanto os deuses quanto a sua adoração, professando antes de tudo a Razão, / E depois o Dinheiro, o Poder e o que chamamos Vida, ou Raça, ou Dialética. / A Igreja repudiada, a torre derruída, os sinos emborcados, que haveríamos de fazer? [...] Ermo e vazio. Ermo e vazio [porque ermo e vazio é o mundo onde quer que não haja a busca de um significado]. E trevas sobre a face do abismo. / A Igreja deserdou a humanidade ou foi por ela deserdada? [Ambos] / Quando a Igreja não for mais considerada, ou sequer contestada, e houverem os homens esquecido / Todos os deuses, exceto a Usura, a Luxúria e o Poder”.<sup>31</sup>

O deus do homem é o que o homem é; o que o homem é, é o seu deus. Mas o homem não é luxúria, dinheiro ou poder. Essas dinâmicas pretendem definir o homem o tempo todo, e o homem pode tornar-se, sobretudo teoricamente, escravo, prisioneiro; mas o homem é definido por alguma coisa maior – maior! –, onde o cálculo é tirado de campo. Apesar de tudo, apesar de sermos constantemente atravessados pela fome e sede da luxúria, do dinheiro e do poder, afirmar esse “mais”, tender a esse “mais”, viver essa luta e, na própria fragilidade, implorar como mendigos pela rua, este é o jeito humano de viver a gratuidade, de viver nossa própria natureza verdadeira (imagem de Deus), de viver a relação com o Infinito, criador por graça. Tal capacidade de gratuidade, esse ímpeto além do cálculo em direção ao “infinitamente grande” que nos dá a existência e que se fez necessitado da nossa existência, essa capacidade de gratuidade, esse ímpeto é o teste da vida. “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em superabundância”,<sup>32</sup> uma vida que não seja obrigada a esquecer ou renegar nada.

## VI.

**Permitam-me citar este trecho** do *Diário* de Kierkegaard: “A relação de negatividade polêmica – que o Paganismo introduzia entre a ideia de uma vida futura e a existência presente – vê-se também pela obrigação que as almas tinham, ao chegarem aos Campos Elíseos, de beber a água do [rio] Lete”.<sup>33</sup> Para entrarem em seu paraíso, os pagãos pensavam que as almas tivessem primeiro de beber a água do rio Lete (a palavra grega que significa “esquecer”): para serem felizes no além, nos Campos Elíseos, precisavam esquecer tudo. Mas – perdoem-me – esta é a norma para qualquer ideologia, teorizada ou implicada na forma de viver. O cristianismo, pelo contrário, ensina que devemos levar em conta que até uma palavra dita de brincadeira tem um valor eterno. Isso significa, aliás, a presença total do nosso passado, embora outro Lete nos deva tirar a dor lancinante; e esse outro Lete é a misericórdia, é a transformação profunda, a conversão profunda do significado do meu próprio mal. Nada, nada fica de fora. O Evangelho diz: “Até o cabelo da tua cabeça está contado”.<sup>34</sup> É uma vida que se torna ela mesma, ou seja, cada vez mais vida, como disse Santo Agostinho: a vida não deve passar, literalmente, da juventude para a velhice, mas é a juventude que deve crescer cada vez mais. Isso que Santo Agostinho definiu por experiência pessoal é testemunhado por uma poetisa de setenta anos, grande, embora naturalmente hoje esteja esquecida, Ada Negri, em seu lindo poema *Minha juventude*: “Não te perdi. Permaneceste, no fundo do ser. És tu, mas outra és: sem folhagem nem flor, sem o luzente riso que tinhas no tempo que não volta mais, sem aquele canto. Outra és, mais bela. Amas, e não pensas ser amada: a cada flor que desabrocha ou fruto que amadurece ou criança que nasce, ao Deus dos campos e das estirpes das graças no coração”.<sup>35</sup> Não amas a flor porque a colhes e a cheiras, mas porque é; não amas o fruto porque o mordes, mas porque é; não amas a criança porque é tua, mas porque é. Esta é a gratuidade que se torna vida cotidiana, que se reflete nos teus olhos para quem vive perto de ti, que se reflete no meu pensamento e na minha angústia pela gente desconhecida que vive longe.

Que reverberação de missão! No fundo, o cristianismo realiza de verdade a imagem que Victor Hugo descreveu num maravilhoso trecho de seu livro *Les contemplations*, intitulado *O eremita*.<sup>36</sup> Ele imagina um eremita, que se levanta de manhã cedo, na alvorada, e tenta começar a ler e a meditar o seu texto à luz de uma vela. E conforme vai lendo, o sol se levanta e cresce, e assim, ao mesmo tempo, sua alma se ilumina. Não se passa da juventude para a velhice, mas é a juventude que deve crescer sempre.

Não confiem no amor: é a última lembrança de Paul Valéry a seus amigos. “Nós temos acreditado no amor” é a mensagem de São João. “Bem sei que [Deus] não me ama. Como poderia amar-me? Contudo, há algo no fundo de mim, um ponto de mim, que não pode impedir-se de pensar, tremendo de medo, que talvez, apesar de tudo, Ele me ame” (primeiro caderno de Simone Weil).<sup>37</sup> Isso é o que nunca pode deixar de atestar a nossa humanidade, pelo pouco de pureza que mantém.

Há um único delito real; é um único delito real: o esquecimento, o esquecimento do Deus que precisou de nós, que precisa de nós. O esquecimento, este é o delito. “Sinto que o meu barco / topou, ali no fundo, / com algo grande.” Nosso barco, que está navegando pelo oceano da vida ou pelo mar da vida, chocou-se no fundo com algo grande: Deus presente. “E nada / sucede! Nada... Quietude... Ondas... [tudo como antes] / Nada sucede; ou é que tudo sucedeu, / e já estamos, tranquilos, no novo?”<sup>38</sup> Já nos conformamos, como se não tivesse havido nada?

Eu desejo a mim e a vocês que nunca fiquem tranquilos, nunca mais tranquilos!

Obrigado.

## Notas

- <sup>1</sup> Cf. P. Teilhard de Chardin, *Il fenomeno umano*, parte III, 3.2.b, in *Opere di Teilhard de Chardin*, Milão: Il Saggiatore, 1980, pp. 310-311.
- <sup>2</sup> Cf. Mt 18,2-6.
- <sup>3</sup> Lc 7,13.
- <sup>4</sup> Cf. Mt 16,26; Mc 8,36-37.
- <sup>5</sup> Cf. Jo 15,11.
- <sup>6</sup> Cf. Mt 18,10.
- <sup>7</sup> Cf. F. Severi, “Scoppiò cinquant’anni fa la ‘rivoluzione’ di Einstein” in *Corriere della Sera*, 20 de abril de 1955, p. 3.
- <sup>8</sup> Cf. F. Dostoiévski, *Os demônios*, São Paulo: Editora 34, 2004, p. 641.
- <sup>9</sup> G. Ungaretti, “Dannazione”, in Idem, *Vita d’un uomo. Tutte le poesie*, Milão: Mondadori, 1992, p. 35.
- <sup>10</sup> Cf. Rilke. Lösch mir die Augen aus: ich kann dich sehn. In: *Das Stunden-Buch*. Verlag: Createspace, 2014 (Tradução do germanista português Paulo Quintela).
- <sup>11</sup> J. Delannoy, *Dio ha bisogno degli uomini* (Título original: Dieu a besoin des hommes; França, 1950).
- <sup>12</sup> Cf. C. Péguy, *O mistério dos santos inocentes*. Cascais: Lucerna, 2015, pp. 69-70.
- <sup>13</sup> Cf. Mt 5,37.
- <sup>14</sup> E. Montale. “Talvez uma manhã”. In: *Ossos de sépia: 1920-1927*. Prefácio, tradução e notas de Renato Xavier. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 91.
- <sup>15</sup> “*Rerum Deus, tenax vigor, immotus in Te permanens, lucis diuturnae tempora successibus determinans.*” (Hino da Hora Média, Nona, in *Messale ambrosiano. Dalla XVIII alla XXXII settimana del Tempo Ordinario*, Milão: Marietti, 1984, v. V, p. 47).
- <sup>16</sup> Cf. F. Nietzsche, *La gaia scienza e Idilli di Messina*, Milão: Adelphi, 1995, p. 223.
- <sup>17</sup> “*Qui ne croit plus en Dieu, il ne croit plus en l’Être, et qui hait l’Être, il hait sa propre existence*” (P. Claudel, “Troisième Ode – Magnificat”, in Idem, *Cinq grandes odes. Suivies d’un processionnal pour saluer le siècle nouveau*, Paris: Éditions de la Nouvelle Revue Française, 35 & 37, 1913, p. 92).
- <sup>18</sup> O. Fallaci, *Un uomo*, Milão: Rizzoli, 1979, p. 151.
- <sup>19</sup> Cf. J. P. Sartre, *Sursis: os caminhos da liberdade*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 299.
- <sup>20</sup> Cf. A. Moravia, “La noia”, in Idem, *Opere complete*, Milão: Bompiani, 1976, p. 483.
- <sup>21</sup> Cf. Jr 1,16.
- <sup>22</sup> C. Milosz, “Consigli”, vv. 18-21, in Idem, *Poesie*, Milão: Adelphi, 1983, p. 116.
- <sup>23</sup> Cf. H. Ibsen, *Brand*, Milão: Bur, 1995, p. 240.
- <sup>24</sup> Cf. G. Greene, *Fim de caso*, Rio de Janeiro: BestBolso, 2007, p. 216.
- <sup>25</sup> Sl 105,10.
- <sup>26</sup> Cf. Mt 26,50.
- <sup>27</sup> João Paulo II, Discurso ao movimento Comunhão e Libertação no XXX aniversário de fundação, 29 de setembro de 1984, 1.
- <sup>28</sup> “A beleza é o esplendor da verdade” (São Tomás de Aquino, *Scriptum super sententiis*, I, d. 3, q. 2, art. 3.).
- <sup>29</sup> Paulo VI, *Audiência Geral*, 23 de julho de 1975.
- <sup>30</sup> T. S. Eliot, “Coros de ‘A Rocha’”. In: *Poesia*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 188.
- <sup>31</sup> Ibidem, pp. 188-189.
- <sup>32</sup> Cf. Jo 10,10.
- <sup>33</sup> S. Kierkegaard, *Diario*. I (1834-1849), Bréscia: Morcelliana, 1962, p. 359.
- <sup>34</sup> Cf. Lc 12,7.
- <sup>35</sup> A. Negri, “Mia giovinezza”. *Poesie*, Milão: Bur, 2010, p. 78.
- <sup>36</sup> Cf. V. Hugo, “Heureux l’homme, occupé de l’éternel destin”, in Idem, *Les contemplations*, Paris: Garnier Frères, 1969, p. 61.
- <sup>37</sup> S. Weil, *Quaderni*. Volume I, Milão: Adelphi, 1982, p. 105.
- <sup>38</sup> J.R. Jiménez, “Mares”, in Idem, *Segunda Antología Poética (1898-1918)*, Madri: Espasa-Calpe, 1987, p. 335.